

INTRODUÇÃO:

Vulcão ou pororoca? Tanto faz!

É hora de inverter o mergulho. É hora de saltar para fora da boca do vulcão. É hora de fazer da lava a lavra, a lavoura de palavras.

Mário de Andrade (M.A.) e sua obra são mesmo um vulcão. Um vulcão de idéias, de imagens, de emoções, pensamentos, palavras, gestos, gargalhadas sonoras e contradições. Um vulcão capaz de consumir o incauto, de confundir e amedrontar os “espiões da vida” (M.A., 1974:255)¹, mas capaz também de incendiar consciências e fertilizar os solos com a sua lava.

Repensando esse intróito. Não é nada disso. Mário de Andrade e sua obra são uma pororoca: encontro de *rio* e *mar*, maré alta rio acima com estrondoso ruído. Encontro marcado e dramático. Em certa altura, o rio parece mar. Nesse exagero tropical e líquido tudo vai sendo consumido. A obra de Mário de Andrade é mesmo uma pororoca de tradição e modernismo, de tragédia e comédia, de prosa e poesia, de pensamento e ação, capaz de afogar o pescador sem cautela e tornar a navegação bastante perigosa.

Vulcão ou pororoca, tanto faz. Depois de mergulhar na obra marioandradiana, durante anos, querendo perceber nela pontos de contato e áreas de relação com o saber e o fazer museológicos, compreendemos que é hora de reverter o mergulho e emergir com a intenção de alinhar e sistematizar idéias, descobertas, reflexões, questões e possíveis respostas.

É importante esclarecer, de saída, que o interesse pela obra de M.A. não é pontual; ao contrário, está articulado a interesse mais amplo que é o de compreender como determinados intelectuais oriundos de áreas de conhecimento distintas da museologia pensam e

operacionalizam o que pensam (quando a operacionalização acontece) no campo dos museus e da museologia.

Entre os intelectuais brasileiros que de algum modo incluem em suas obras referências a temas museológicos, além de M.A., podemos citar: Paulo Duarte, João Cabral de Melo Neto, Cecília Meireles, Gilberto Freyre, Gustavo Barroso, Lúcio Costa, Rodrigo Melo Franco de Andrade, Aloísio Magalhães, Roquete-Pinto, Darcy Ribeiro, Berta Ribeiro, E.Susseklinde de Mendonça, Carlos Drummond de Andrade, Margarida Souza Neves, José Américo Mota Pessanha, Ulpiano Bezerra de Menezes, Rui Mourão e outros.

Que motivos levaram-nos a focalizar as nossas lentes em Mário de Andrade?

A resposta é relativamente simples, ainda que dividida em cinco aspectos:

1. A obra marioandradiana do ponto de vista museológico é pouco conhecida e estudada;
2. É sabido que o intelectual em tela manifestou grande interesse pelas questões de preservação e uso da herança cultural. Frequentemente a ele é atribuída importante influência no estabelecimento daquele que veio a ser um dos principais documentos legais sobre a organização e proteção do patrimônio histórico e artístico do país, qual seja, o decreto-lei 25, de 30 de novembro de 1937;
3. O movimento modernista no Brasil, do qual o autor de **Paulicéia Desvairada** foi um dos expoentes, é, sem dúvida, matriz de pensamento de relevada significação para a compreensão de determinadas questões culturais da atualidade;
4. No entanto, o pensamento do poeta modernista, como mais adiante pretende-se demonstrar, por mais inovador que fosse (ou

- exatamente por isso) estava politicamente isolado e não pode ser enquadrado na categoria de pensamento dominante e/ou vitorioso²;
5. E por último, na ordem mas não na importância, aspectos subjetivos despertaram o nosso interesse pela obra e pela capacidade de ação deste homem que viveu num período de grandes guerras (objetivas e subjetivas).

É instigante perceber que o “intransigente pacifista” e, por blague poética, “soldado da República, defensor interino do Brasil” (M.A.1987:135) viveu efetivamente numa era de guerras e revoluções.

O ano de 1893, que marca o nascimento do criador de **Macunaíma**, foi um ano turbulento para o Estado republicano brasileiro que ensaiava os seus primeiros passos. No sul estourou a Revolução Federalista (dos maragatos) que reivindicava maior presença do poder federal e se levantava contra Júlio de Castilhos, presidente do estado do Rio Grande do Sul, considerado pelos insurretos como um tirano. No Rio de Janeiro eclodiu a Revolta da Armada, movimento militar de oposição ao governo de Floriano Peixoto.

Três anos mais tarde (em 1896) iniciou-se a Guerra de Canudos (BA) que culminou (em 1897) com a destruição da cidade santa de Belo Monte, a morte e a exumação do corpo do líder religioso Antônio Conselheiro, a prisão de centenas de sertanejos e a decapitação de mais de oitocentos deles pelas tropas governistas.

O século XX trouxe as luzes da *Belle Époque*, as largas avenidas, o vôo do primeiro dirigível e a exposição nacional de 1908, mas trouxe também em seu bojo a Revolta da Vacina (1904), a Revolta do Contestado (1912-16), a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), a Revolução Russa (1917), a Sublevação dos Tenentes (1922), a Revolução de 30, o Movimento Constitucionalista de São Paulo

(1932), a Segunda Guerra Mundial (1939-45) e uma série de outros conflitos militares e armados.

Foi exatamente durante a Primeira Guerra Mundial, em 1917, que o jovem Mário publicou o seu primeiro livro: **Há uma gota de sangue em cada poema**. Um livro tímido e assinado sob pseudônimo, mas ao mesmo tempo um livro corajoso. Obra imatura balançando entre os ventos do modernismo e da tradição, oscilando entre a liberdade poética e as cadeias do academicismo. Um livro que, exaltando a paz, não deixa de reconhecer e de se defrontar com a gota de sangue presente no poema e em tudo aquilo que é humano. A gota de sangue é também gota de humanidade.

O presente estudo situa-se temporalmente entre os anos de 1917 e 1945. Numa extremidade temos a estréia de M.A. em livro, durante a Primeira Guerra Mundial, e na outra a data de sua morte física, antes do fim da Segunda Grande Guerra. A sua produção intelectual e a sua atuação de homem público estão contidas neste período.

Por mais atenção que se tenha dado às suas poesias, romances, contos, crônicas, críticas, cartas de trabalho e de amizade, sobra a convicção de que alguma coisa ficou por estudar, até mesmo porque volta-e-meia aparecem novas publicações com textos até então não conhecidos. Assim, não se alimenta aqui a ilusão de estudar ao esgotamento toda a obra daquele que sendo “trezentos”, é “trezentos-e-cincoenta”. Com modos singelos, o presente estudo tem por objetivo identificar e analisar na obra de M.A. as interfaces com o campo da museologia e, a partir daí, verificar como o seu discurso museológico está articulado com o modernismo e como se inserem neste discurso alguns temas, tipo: nacional e popular, tradição e modernismo, preservação e destruição, memória e esquecimento.

Para melhor organização das idéias e melhor compreensão do texto, o presente estudo foi dividido em duas partes. A primeira, composta de três capítulos, trata da preparação do terreno para a discussão que se impõe, explicitando o sentido da gota de sangue no museu, a orientação metodológica adotada e delineando o panorama museológico brasileiro no século XIX e início do século XX. A segunda, composta de quatro capítulos, dimensiona a presença do criador de **A Escrava que não é Isaura** nos quadros do modernismo brasileiro, estuda o seu museu (pessoal) de sonhos, focaliza o seu pensamento e as suas propostas museológicas e, finalmente, compara o anteprojeto do Serviço do Patrimônio Artístico Nacional (SPAN) com o decreto-lei 25/37.

Vulcão ou pororoca...tanto faz. O trabalho aqui apresentado traduz o esforço (açu e mirim) de não se deixar afogar pela pororoca, de não se deixar consumir pelo vulcão. Oxalá tenhamos tido êxito.

NOTAS:

1- As referências à fontes diretas de pesquisa estão indicadas da seguinte forma: Mário de Andrade (M.A.), ano de publicação (1974) e número da página onde o assunto citado se encontra (255).

2- É preciso relativizar os conceitos de derrota e vitória. Um pensamento derrotado numa geração pode vir a ser vitorioso na geração seguinte. O pensamento de M.A. em relação ao patrimônio cultural e aos museus enquadra-se nesta categoria.